

DETERMINISMO, INDETERMINISMO OU SUBJETIVIDADE?

*Lamartine de Hollanda Cavalcanti Neto*¹

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar a influência das diversas atitudes assumidas perante fatos não explicados pela ciência, dentro do contexto do aparente confronto entre Fé e Razão. E propõe, em conclusão, uma atitude equilibrada, objetiva e despojada de preconceitos, na qual as referidas qualidades aparecem como aliadas que permitem a elevação do espírito humano.

Palavras-chave: Fé e razão; determinismo; indeterminismo; subjetividade.

Abstract

This article aims to analyze the influence of several postures assumed before some facts not explained by science. This is considered within the context of the apparent opposition between Faith and Reason. In conclusion, the author proposes a balanced and objective attitude, without preconceptions, in which Faith and reason appear as allies that permit the elevation of human spirit.

Key-words: Faith and reason; determinism; indeterminism; subjectivity.

Introdução

Os debates suscitados pelo aparente confronto entre Fé e Razão involucram diversas atitudes existentes nos círculos acadêmicos que, por vezes, não são tão conhecidas quanto se poderia desejar. Um modo de conhecê-las melhor pode ser a análise das posturas suscitadas por fatos para os quais a Ciência não encontra explicação, pelo poder de instigação que os mesmos apresentam para todas as correntes envolvidas.

Desse modo, o presente artigo procura fazer uma resenha das principais atitudes encontradas nos meios acadêmicos nesse campo, e propor, com ba-

1) Médico psiquiatra, professor de Psicologia no Instituto Filosófico Aristotélico-Tomista. Especialista em Teologia Tomista.

se na metodologia científica e em argumentos da Fé e da Razão, uma atitude equilibrada, objetiva e despojada de preconceitos, diante dos mesmos.

Conceito de milagre

Registramos aqui a definição do Padre José Maria Rianza Morales, SJ (1964, p. 316), não porque possa ser considerada a melhor, mas apenas para uniformização de conceito. Segundo ele, o milagre:

É um fato perceptível pelos sentidos, que se verifica na natureza, ao mesmo tempo extraordinário, irreduzível às leis e ao curso ordinário da natureza, com a característica muito particular de aparecer ligado a circunstâncias religiosas. (tradução nossa).²

Com a concisão que caracteriza os franceses, o Padre J. de Bonniot, S. I. (1895, p. 23), por sua vez, sintetiza o conceito de milagre como uma “manifestação extraordinária de Deus por meio de uma obra sensível que nenhum agente criado pode produzir”.

Elementos constitutivos

O milagre enquanto tal compreende, portanto, dois elementos: 1º) um fato experimental extraordinário, e 2º) a relação desse fenômeno com Deus, como causa dele (RIAZA, 1964).

Desse modo, o milagre abrange um elemento acessível à observação humana e outro que não é acessível à experimentação, porque conexo com sua causalidade sobrenatural. Por essa razão, quando o cientista é chamado a dar um veredicto sobre um fato prodigioso, não emite um diagnóstico positivo, mas limita-se a uma constatação negativa, ou seja, que o fato em questão não encontra explicação nas leis naturais.

Possibilidade do milagre

Bonniot (1895, p. 32) responde ao questionamento de forma direta: “Deus pode tudo; logo, Ele pode fazer milagres”, acrescentando que “a resposta é

2) Todas as citações cujos originais encontram-se em língua estrangeira têm a tradução sob a responsabilidade do autor deste artigo.

tão simples e evidente que é necessário ter o espírito falseado pelo hábito do sofisma [...] para não vê-la no primeiro golpe de vista”.

Tal resposta pressupõe a existência de Deus. Talvez daí proceda a principal dificuldade de bom número de pessoas, em particular no mundo filosófico e científico moderno, em admiti-la. Essa negação pode se expressar de diversas formas. Rianza (1964) as esquematiza nas categorias que apresentamos a seguir.

Atitudes céticas diante do milagre

a) Determinista: os grandes avanços científicos do século XIX contribuíram para criar uma mentalidade afim com o positivismo, embora não se limitando a ele, que considerava as leis científicas como absolutamente imutáveis, determinando infalivelmente, portanto, os acontecimentos no universo. Tal corrente de pensamento costuma ser chamada de determinismo científico. Alguns cientistas chegavam a reputá-lo a alma de toda ciência e o postulado necessário a todo método científico, destacando-se entre eles o francês C. Bernard (RIAZA, 1964).

Tal determinismo serviu de ponto de partida a vários autores para negarem rotundamente o milagre. Encontramos, dessa forma, afirmações como: “Não há, pois, na natureza, nem contingência, nem capricho, nem milagre, nem livre arbítrio; cada uma destas hipóteses arruína em nós a faculdade de raciocinar sobre as coisas” (GOBLOT, 1947, p. 314, apud RIAZA, 1964, p. 288).

Para não se sentirem intelectualmente “arruinados”, portanto, decretavam a impossibilidade do milagre, e se dispunham a lutar até o fim para encontrar uma “explicação científica” para todo e qualquer fato que apenas ameaçasse se afastar um pouco das leis aparentemente fixas e imutáveis da natureza.

b) Indeterminista: com o passar do tempo, entretanto, e com o acúmulo de constatações científicas em sentido contrário, especialmente após o advento da física quântica, começaram a tomar corpo outras atitudes diante das leis naturais, marcadas por um denominador comum que poderia ser caracterizado como indeterminismo. Se a atitude anterior pregava que as leis naturais são imutáveis, esta advoga que tais leis são probabilísticas. Em outros termos, sustentam que praticamente todos os fenômenos são possíveis de ocorrer, tudo dependendo de um mero jogo de possibilidades.

Rianza (1964) cita como exemplo a afirmação de J. Jeans (s.d.) de que seria apenas provável, e não certo, que a água colocada dentro de uma panela sobre o fogo fervesse. Pois, pela lei das probabilidades, ela poderia algumas ve-

zes congelar, desde que passasse seu calor para o fogo, em vez de acontecer o contrário. Embora o próprio Jeans (apud RIAZA, 1964) reconheça como praticamente certo de que ela ferverá, sustenta que não se pode afirmá-lo de modo absoluto.

Com base nessa especiosa concepção, tal corrente de pensamento, diante do milagre, nega que ele seja uma exceção às leis da natureza, sustentando que não passa de mais uma possibilidade, embora extremamente rara, das mesmas leis se manifestarem.

Não deixa de ser curioso constatar que, apesar de negarem o determinismo das leis científicas, postulam de modo dogmático o “determinismo” das leis probabilísticas, ou, em outros termos, o absolutismo do relativismo.

Um pequeno obstáculo a ambas teorias é a comprovação metodológica e científica de seus postulados...

c) Incognoscibilista: tal posição é conexas com a anterior e afirma que o milagre, ainda que ocorra, não é passível de ser identificado como tal. Da atitude indeterminista, postulando que o milagre não passa de uma ocorrência extremamente rara das leis naturais, decorre que, ainda que ele acontecesse como resultado de uma real intervenção divina, não haveria como distinguir esta, da ocorrência meramente natural e/ou excepcional das leis da natureza.

Postura autenticamente científica diante do milagre

Quanto à atitude determinista e à indeterminista, Morales (1964) cita um trecho do prêmio March de Ciências, J. Palácios (1947), que esclarece o assunto com autoridade científica:

O determinismo assinalava como possível, a partir de um determinado estado de coisas, um só acontecimento. Todo o demais era impossível. Desde a Criação, estava marcado o curso normal das coisas na ordem física. [...] É certo que a nova teoria [a indeterminista, da Física moderna] assinala vários acontecimentos como possíveis, mas também qualifica outros como absolutamente impossíveis. Impossível é criar matéria ou energia do nada, ou destruí-la sem deixar resíduo. Impossível é que a luz se propague mais depressa ou mais devagar. Por outro lado, o indeterminismo só se manifesta no mundo dos corpúsculos. [...] No mundo macroscópico em que nos desenvolvemos, seguem regendo as leis da Física clássica, e tudo fica como estava... A Física moderna não deixa as coisas à mercê do acaso. Até no mundo dos corpúsculos há de haver algo desconhecido que fixa as regularidades estatísticas que observamos. Podemos estar certos de que, sem um mi-

Determinismo, indeterminismo ou subjetividade?

lagre, é impossível que se duplique a radioatividade de um miligrama de rádio, apesar de tratar-se de uma propriedade puramente estatística (PALACIOS, 1947, p. 187-188, apud RIAZA, 1964, p. 302-303).

Em termos sintéticos, o verdadeiro cientista deve encarar o fato realmente milagroso com imparcialidade e sem preconceitos.

De nada lhe serve, para sua objetividade científica, o dogma determinista segundo o qual não pode haver milagre porque todas as coisas funcionam de modo absolutamente pré-determinado, uma vez que a constatação dos fatos que fogem a essa regra é inegável.

Tampouco contribui para sua compreensão da realidade, postular que um fato que foge à regra não passa de uma variante rara da própria regra, uma vez que o investigador não pode provar cientificamente que tal exceção não tem por agente causal a Deus, no caso do milagre.

Menos ainda lhe servirá o argumento, de cunho agnóstico, de que o milagre não pode ser conhecido como tal. Pois, pela lei da exclusão, uma vez que a própria ciência comprove a inexistência de uma explicação natural para um determinado fato, só lhe resta admitir a causalidade sobrenatural.

Morales (1964, p. 307-308) acrescenta que é perfeitamente possível conhecer a natureza miraculosa de um fato:

É possível conhecer com certeza os milagres? Sem dúvida, se podem constatar com certeza duas coisas: 1ª, que o *fato* de que se trata sucedeu efetivamente; por exemplo, uma perna que estava quebrada e de repente ficou bem; 2ª, que este fato é *milagre*. O *fato* pode constar-nos da mesma forma que outros eventos, ou por experiência imediata ou por experiência mediata através de testemunhas dignas de fé. Também pode constar-nos certamente que o fato é *milagre*. Pode, antes de tudo, constar que esse fato sensível observado sai certamente da ordem da natureza, e isso, em casos concretos, ainda que a lei de que se trate seja estatística.

A atitude diante do milagre, para ser autenticamente científica, deve começar por ser, portanto, objetiva. Diante de um fato objetivamente constatado, cuja explicação foge das leis meramente naturais ou científicas, não há porque negar sua causalidade sobrenatural, isto é, diretamente divina.

Objeção subjetivista

Poderia, entretanto, ser apresentada uma objeção à conclusão anterior. Ela se baseia na constatação de um fato objetivo. Mas, e se o fato em questão não passar de um fenômeno subjetivo, todo o resto não ruiria por terra?

Como garantir, portanto, que os fatos supostamente miraculosos não sejam meros produtos da imaginação, da interpretação subjetiva condicionada por uma concepção prévia, sugerida quer pela própria pessoa, quer pelo seu círculo social? Em outros termos, que não passariam de resultado de uma sugestão que condiciona a observação ou a interpretação do fato?

Em favor dessa postura se apresentam inúmeros casos aclamados como “milagre” pela voz popular, mas que não resistiram a uma investigação posterior. E ainda uma indefinida sucessão de tristes simulacros, ao longo dos tempos, produzidos pela má fé que não recua nem diante da falsificação da intervenção divina.

Reduzir o milagre à sugestão não acabaria sendo uma solução muito cômoda, tanto para os que temem “arruinar a faculdade de raciocinar”, quanto para os que esperam que a água congele sobre o fogo?

O único problema para esta solução é que a realidade dos fatos não costuma ser tão cômoda assim...

O que é a sugestão

Com efeito, embora alguns admitam, por exemplo Kaplan e Sadock (1984, p. 214), que a “sugestionabilidade pode ocorrer como um traço de caráter contínuo em certas pessoas emocionalmente imaturas e manifesta-se como credulidade”, a maioria dos que estudam o assunto faz-no sob o enfoque do caráter patológico da sugestionabilidade.

Assim, os mesmos Kaplan e Sadock (1984), logo adiante, abordam as formas extremas que ela assume no estupor catatônico, presente na esquizofrenia, nas psicoses partilhadas (*folie à deux*), em estados dissociativos histéricos, ou ainda em estados que, embora não patológicos, como a hipnose, não se situam dentro do auto-domínio habitual.

Da mesma forma, Henri Ey e cols. (1978) a analisam no estudo do caráter histérico, Hales e Yudofsky (2006) detêm-se em seu papel na hipnose e, de passagem, nos transtornos psicóticos e neuróticos, Louzã e Elkis (2007) a enfocam, por exemplo, no transtorno de personalidade histriônica e no transtorno delirante induzido, Bleuler e cols. (1985) em vários estados patológicos,

Determinismo, indeterminismo ou subjetividade?

tais como a esquizofrenia, o *stress*, o alcoolismo, o transtorno afetivo bipolar, as psicoses orgânicas e as oligofrenias.

Isto não significa, naturalmente, que a sugestionabilidade seja, de si mesma, um estado mórbido. O fato de atrair a atenção dos especialistas quando se mostra exageradamente aumentada ou diminuída, apenas significa que ela é passível de tais desequilíbrios.

Porém, mesmo dentro de níveis socialmente aceitáveis, não se pode dizer que ela corresponda ao perfeito estado de equilíbrio do ser humano.

E isso é fácil de entender se consideramos a noção de sugestão que Bleuler e cols. (1985) oferecem. Segundo eles, a sugestão seria uma ideia impregnada por uma carga afetiva (emocional). Desse modo, “ideias sem um afeto acompanhante não têm efeito sugestivo; quanto maior o valor afetivo de uma ideia, mais contaminadora ela é” (BLEULER e cols., 1985, p. 52).

Ora, se recordamos que, segundo a Psicologia Tomista (cf. BRENNAN, 1960), um indivíduo é tanto mais equilibrado quanto maior o domínio que sua inteligência exerce sobre sua vontade, e esta sobre suas demais faculdades, notadamente as paixões ou emoções, podemos concluir, seguramente, que a sugestionabilidade não é bem exatamente a nota característica da personalidade equilibrada.

Porque avaliar, então, um fato que foge às leis da natureza como atinente apenas ao universo circunscrito de pessoas menos equilibradas?

Um observador perfeitamente sadio, servindo-se dos critérios mais objetivos e dos instrumentos científicos mais atualizados, não poderia nunca deparar com um fato miraculoso?

Refutação da objeção subjetivista

Os fatos em sentido contrário são abundantes e, diante deles, emudecem os demais argumentos.

Basta recordar o *Bureau Médical de Lourdes*, composto por médicos das mais diferentes nacionalidades, especialidades e orientações religiosas ou políticas. Será que depois de tantos e tão acurados exames clínicos e laboratoriais, reuniões de avaliação, consultas a especialistas, repetidos por vezes durante alguns anos, todos aqueles que assinam o laudo de inexplicabilidade científica de uma cura miraculosa teriam sido vítimas de um episódio de “sugestão” coletiva?

Como diz o Padre José Maria Morales, SJ (1964), há casos em que se impõe a constatação da intervenção divina. Em obras como *Les médications*

psychologiques, de Pierre Janet (apud RIAZA, 1964), que abordam enfermidades curáveis por meios psicológicos, não há no índice tópicos como câncer ou esclerose. E, entretanto, encontram-se vários desses casos entre as curas “sem explicação científica”, constatadas por especialistas renomados, em Lourdes ou vários outros lugares.

Não se pode atribuir à sugestão, por exemplo, a cura repentina de um recém-nascido ou de um paciente em estado de coma profundo, pois são inacessíveis a qualquer sugestão. Por meio dela “não se pode acalmar uma tempestade nem curar repentinamente um câncer” (RIAZA, 1964, p. 313).

Os médicos franceses Bon e Leuret, este último ex-presidente do *Bureau Médical de Lourdes*, citados por Morales (1964), enumeram indícios das curas de caráter miraculoso, com os quais é muito difícil compaginar o efeito da mera sugestão. São eles:

1º) Se a cura ocorre numa enfermidade incurável, seja por sua própria natureza, seja por ter alcançado um estado irreversível, embora de si mesma fosse curável.

2º) Tratando-se de uma enfermidade curável, se a cura se verifica sem que se tenham empregado os meios terapêuticos que a curariam.

3º) Ainda neste caso, se a cura ocorreu num lapso de tempo tão curto, que os processos normais de recuperação não possam ter oportunidade de se desenvolver.

4º) Se se verificam certos caracteres especiais, tais como: a) ausência de fenômenos fisiológicos que deveriam acompanhar uma cura rápida, por exemplo a desapareção de um edema sem poliúria, ou a reabsorção de um tumor volumoso sem sinais de intoxicação urêmica, nem elevação da temperatura; b) falta total de convalescença; c) ausência de recaídas.

Crítérios da Igreja para discernimento da sobrenaturalidade

Adolphe Tanquerey (1932) enumera regras tradicionalmente adotadas pelos diretores espirituais no tocante às revelações privadas que, *mutatis mutandis*, podem se aplicar para a avaliação de um fato supostamente miraculoso, seja ele de que natureza for.

Tais regras dizem respeito à pessoa que recebe as revelações, ao objeto sobre o qual elas versam, aos efeitos que produzem e aos sinais que as acompanham.

Seria muito longo analisá-las todas aqui, bastando reduzi-las ao bom senso aplicado a cada um desses tópicos, pois se as supostas revelações acontecem

Determinismo, indeterminismo ou subjetividade?

com uma pessoa de caráter histriônico, ávida de atrair atenção sobre si, ou se versam sobre pontos contrários à Doutrina e à Moral católicas, ou produzem efeitos nocivos às mesmas, ou ainda são acompanhadas de fenômenos estranhos ou suspeitos, ficam afastadas as possibilidades de uma autêntica intervenção divina.

Mãe e Mestra da Verdade, a Igreja, que tem prescrições detalhadas a respeito da avaliação dos fatos prodigiosos, nunca se manifesta oficialmente a respeito a não ser depois de longos e acurados exames e, sobretudo, da oração pedindo a luz do Espírito Santo.

Dentre tais normas, destacam-se as enumeradas pelo Papa Bento XIV, em sua obra mestra *De Servorum Dei Beatificatione et Beatorum Canonizatione*, citada por Morales (1964), para a caracterização das curas miraculosas. Transcrevemo-las abaixo como fecho de ouro das presentes considerações:

Para que a cura de enfermidades ou doenças possa ser computada entre os milagres, devem concorrer várias circunstâncias:

- 1º que a enfermidade seja grave e impossível ou difícil de curar;
 - 2º que a enfermidade curável não esteja próxima de sua remissão, de modo que pouco tempo depois tivesse sobrevindo;
 - 3º que não se tenha aplicado nenhuma medicação ou, se tiver sido aplicada, que sua ineficácia seja certa;
 - 4º que a cura seja súbita, instantânea;
 - 5º que a cura seja perfeita, não defeituosa nem pela metade;
 - 6º que não tenha havido antes uma [...] crise, ocorrida sob a influência de determinada causa e em sua hora corrente; neste caso não haveria de se dizer que a cura era milagrosa, senão natural, no todo ou em parte.
- Por fim, que não sobrevenha depois uma recaída da enfermidade curada (LAMBERTINI (BENTO XIV), 1839-1847, l. 4, c. 8, vol. 4, p. 88, apud RIAZA, 1964, p. 365).

A consideração de tão rigorosos critérios conduz, forçosamente, a uma constatação. A sugestão que tivesse força suficiente para produzir uma cura que os satisfizesse por inteiro não mereceria o nome de milagre?

Conclusão

Em vista de todo o acima exposto, não há por que não assumir uma atitude aberta diante dos fatos reconhecidos como milagrosos. Na realidade, encontramos neles mais um argumento em favor da aliança intrínseca entre a Fé e a Razão. Pois se tudo que há de autenticamente bom no universo proce-

de de uma mesma Fonte, que os homens de Fé não hesitam em reconhecer como o Criador, por que haveria de existir contradições entre os elementos por eles fornecidos?

Não foi outra, aliás, a conclusão do recente discurso de Sua Santidade o Papa Bento XVI (2008) aos participantes da assembléia plenária da Pontifícia Academia das Ciências: não há oposição entre Fé e Razão. Pelo contrário, como afirmava João Paulo II (1998), são elas duas asas para o espírito humano, sem as quais este não poderia elevar-se aos mais altos horizontes.

REFERÊNCIAS

- BAVINK, B. *Ergebnisse und probleme der naturwissenschaften*. Leipzig: S. Hirzel, 1933, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- BENTO XVI. *Discurso do Papa Bento XVI aos participantes na assembléia plenária da Pontifícia Academia das Ciências, em 31 out. 2008*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20081031_academy-sciences_po.html>. Acesso em: <18 nov. 2008>.
- BLEULER, Eugen, et al. *Psiquiatria*. 15. ed. Trad. Eva Nick sob supervisão de Miguel Chalub. Ed. revista e atualizada por Manfred Bleuler. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.
- BON, H.; LEURET, F. *Las curaciones milagrosas modernas*. Trad. espanhola de J. M. Bernáldez. Madrid: Fax, 1953, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- BONNIOT, Pe. J. de, S. J. *Le miracle et ses contrefaçons*. 5. ed. Paris: Victor Retaux, 1895.
- BRENNAN, Pe. Roberto Edward, O. P. *Psicología tomista*. Trad. Efrén Villacorta Saiz, O. P. Revisão José Fernandez Cajigal, O. P. Ed. atualizada pelo Autor. Barcelona: Editorial Científico Médica, 1960.
- EY, Henri; BERNARD, Paul; BRISSET, Charles. *Tratado de psiquiatria*. Trad. Carlos Ruiz Ogara, adaptação Aurelio López Zea. 8. ed. da 5. ed francesa, revisada e atualizada. Barcelona: Toray-Masson, 1978.
- GOBLOT, E. *Traité de logique*. Paris: A. Colin, 1947, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- HALES, Robert E.; YUDOFKY, Stuart C. *Tratado de psiquiatria clínica*. Trad. Cláudia Dornelles, Cristina Monteiro, Ronaldo Cataldo Costa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- JEANS, J. *Théorie dynamique des gaz*. Trad. francesa de A. Clerc, Paris: Blachard, 1925, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- JOÃO PAULO II. *Encíclica Fides et Ratio*, de 14/9/1998. Disponível em: <http://www.vatican.va/edocs/POR0064/_INDEX.HTM>. Acesso em: <22 dez. 2008>.

- KAPLAN, Harold I.; SADOCK, Benjamin J. *Compêndio de psiquiatria dinâmica*. 3. ed. Trad. Helena Mascarenhas de Souza e cols. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1984.
- LAMBERTINI, Prospero (Papa Bento XIV). *De Servorum Dei Beatificatione et Beatorum Canonizatione, in Opera Omnia*, Prato: Aldina, 1839-1847, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- LOUZÃ NETO, Mário R.; ELKIS, Hélio. *Psiquiatria básica*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- PALACIOS, J. *Esquema físico del mundo*. Madrid: Alcor, 1947, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- PIAGET, Jean. *Introduction à l'épistémologie génétique*. Paris: Presses universitaires de France, 1950, *apud* RIAZA, Pe. José Maria Rianza, S. J. Azar, *ley, milagro*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.
- TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de teologia ascética e mística*. Trad. da 5. ed. francesa por J. Ferreira Fontes. 2 ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1932.